

A cidade que esbanja cultura

Donzílio Luiz de Oliveira atua há tempos na cidade. Pioneiro, ele é repentinista e escritor. "Tudo graças à Ceilândia. É importante valorizar os artistas locais. Sinto-me orgulhoso de representar a cidade que escolhi para viver", diz. O orgulho pela cidade foi reconhecido. No ano passado, foi homenageado pela Câmara Legislativa como Griô. Termo que significa aquela pessoa que leva a palavra ao povo. "É gratificante. Isso prova que Ceilândia não é só criminalidade. Aqui também tem valores culturais", acrescenta.

A representação no samba também é significativa. A escola de samba Águia Imperial desbancou, por dois anos consecutivos, em 1998 e 1999, a Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (Aruc), considerada favorita, já que havia vencido o Carnaval 23 vezes. O sucesso veio do amor dos componentes da agremiação

pela cidade. Um deles é o técnico em informática Suelenito dos Santos, 44 anos, que teve um salto incrível durante sua trajetória de vida. Saiu do Morro do Urubu para a Águia Imperial. O morro era uma das invasões existentes na época da criação da nova cidade. Atualmente ele é conhecido como Lé Maravilha, mais um filho famoso da Ceilândia.

Isso porque seu avó foi pioneiro na cidade e ajudou a construir Brasília. Seu pai seguiu o mesmo caminho. O samba também é herança de família. "Tenho amor pelo samba e tenho que mostrar isso na minha cidade", comenta. A idéia deu tão certo que há dois anos fundou o bloco Acadêmicos de Brazlândia. "É uma expansão do meu trabalho na Águia, tudo que faço lá aprendi aqui. Não tenho como me desligar de Ceilândia", completa. A cidade que o recebeu hoje serve de

inspiração. "Não tem como ficar sem idéias aqui. O samba-enredo é baseado nas histórias que vivemos no dia-a-dia", diz.

Ceilândia também tem museu. É a Casa da Memória Viva: Aqui Tem História, que foi criada há dez anos. Ali é possível encontrar 107 painéis temáticos que contam a história da cidade de 36 anos. O local é dividido em cinco ambientes. Além de expor a cultura local, ocorrem encontros musicais e saraus de leitura. "Queremos criar tradição com a cidade. É um museu comunitário e educativo", explica Manoel Jevan, 43 anos, um dos fundadores do museu e professor de História. Ele está empenhado em disseminar a história local, e nas escolas públicas da cidade ministra aulas de história da cultura local. "Por que não conhecer mais a fundo o local onde moramos?", questiona.